



Evento	Salão UFRGS 2018: XIV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Contribuições da monitoria indígena para a construção de uma universidade intercultural
Autor	RAFAEL FILTER SANTOS DA SILVA
Orientador	ROSA MARIA CASTILHOS FERNANDES

RESUMO: O Programa de Monitoria Indígena, regido pela Instrução Normativa nº 02/2016 da UFRGS, almeja contribuir com a permanência e o desenvolvimento acadêmico dos estudantes indígenas através do apoio de estudantes veteranos, incumbidos da função de monitor. Exercer a função de monitor de aluno indígena, falo por experiência própria, demanda a capacidade de consolidar vínculos com um colega de outra cultura, cuja diferença simbólica existe, mas não pode ser um obstáculo. O reconhecimento da diferença é imprescindível para que se construa um diálogo intercultural respeitoso entre monitor e estudante indígena. A formação de vínculo através do dialogismo implica em não reduzir o outro a conhecimentos prévios que possuímos, pois a tentativa de traduções de saberes alheios pode acarretar na ampliação de distâncias em vez de reais aproximações. Desse modo, não há a pretensão de compreender completamente a alteridade, nem de colocá-la como semelhante. Mantém-se o outro como outro, reconhecendo a existência de mistérios, o que alimenta a demanda pela escuta e pelo diálogo, assim como evita uma relação verticalizada. A horizontalidade na relação monitor-aluno indígena possibilita a troca intercultural, sem o silenciamento de nenhum dos lados. A formação desta parceria proporcionou a mim e a aluna indígena que monitoro expandir nossos olhares sobre os assuntos abordados nas disciplinas do curso de Psicologia. Disso resultaram intervenções em sala de aula em forma de dinâmicas e trabalhos, visando a colaborar com a qualificação do ensino de graduação por via de práticas pedagógicas que valorizam a cultura kaingang. As intervenções eram elaboradas em conjunto pela aluna indígena e pelo monitor, objetivando questionar modelos teóricos; relacionar saberes indígenas com conceitos da Psicologia; discutir as fragilidades das didáticas dos docentes; quebrar representações preconceituosas a respeito das práticas e saberes indígenas. Elas abarcavam a feitura de trabalhos individuais em forma escrita ou em forma audiovisual, como, por exemplo, o trabalho de Desenvolvimento Humano, no qual se relacionou o conceito de “mãe suficientemente boa” de Winnicott com a concepção de maternidade kaingang. Outro exemplo de intervenção ocorreu em um trabalho em grupo, cuja apresentação cobrava adaptações da didática da professora para que a construção de saberes interculturais fosse possível. Colocou-se em pauta as barreiras linguísticas existentes em sala de aula, que botavam de um lado a língua portuguesa brasileira acadêmica e de outro a língua kaingang, o que atrapalhava o processo de ensino e aprendizagem. Intervenções em sala de aula com o apoio do GAIn (Grupo de Acolhimento aos Estudantes Indígenas) também foram realizadas, com o intuito de estabelecer um espaço de diálogo entre estudantes indígenas e seus colegas de disciplina. A aluna indígena que monitoro desde 2016 ainda não colou grau, portanto, as intervenções seguirão ocorrendo até ela alcançar sua meta de se tornar, segundo suas próprias palavras, “uma *kuiã* (figura xamânica da cultura kaingang, conhecedora de saberes de cura físico-mental-espiritual, capaz de realizar a interlocução com os espíritos da natureza, intermediando a relação entre mundo material e espiritual) com saberes psicológicos”. Alguns resultados já são perceptíveis, tais como: a abordagem da temática étnica em algumas disciplinas; professores adaptando suas formas de ensinar e avaliar; melhora das relações entre a estudante indígena, seus colegas e docentes. Ademais, uma consequência elencada pela aluna indígena é a melhora das condições de aprendizagem, pois a abertura do conhecimento acadêmico à epistemologia kaingang permite a ela ver sentido no que se aprende, assim como cria um espaço de fala para que ensine algo do que sabe aos colegas. A permanência dos alunos indígenas depende da valorização de seus saberes em sala de aula, para que a aula não seja um epistemicídio baseado em mera inculcação de conhecimentos acadêmicos *fög* (“não-indígena” em língua kaingang), mas, sim, uma troca intercultural que debata as diferenças ampliando os saberes e as formas de conceber conhecimento. Palavras-chave: interculturalidade; indígena; monitoria.